

# SÍNDROMES

Thainá Carvalho

Capa: Thainá Carvalho

Edição e diagramação: Thainá Carvalho

Copyright © Thainá Carvalho

Aracaju, 2020

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida mediante autorização expressa do autor.

---

E-mail: [thainacarvalhox@gmail.com](mailto:thainacarvalhox@gmail.com)

Instagram: [@oxente\\_thaina](https://www.instagram.com/oxente_thaina)

[www.oxentethaina.com.br](http://www.oxentethaina.com.br)

Para cada pedaço que ficará  
depois de quebrarmos

## Síndrome do escritor /

E se você resolvesse escrever o que você quisesse, palavras do mundo inteiro, o que você escreveria? O que há de tão urgente em você que precisa ser esparramado em linhas e entrelinhas?

Eu não sei o que escreveria, não sei o que preciso e nem o que me falta. Não me faltam palavras, isso é certo. Elas estão aqui, mas, justamente, não querem sair. Afinal, sair para que? O que há por aí que seja tão mais atrativo que aqui dentro? A verdade é que, dentro de mim, minhas palavras se reconhecem, mas pouco importam se não criam significados para você.

Minhas palavras precisam de pessoas.

O que há em você que precise de palavras? O que há em mim para compreender você? E se eu pudesse escrever todas as palavras que existem em você?

## Síndrome da partida /

Meu amor, a vida está lá fora. Por mais que me encantem seus abraços, seus olhos, a vida está lá fora me chamando. O tempo nos passa, e eu sinto que devo partir. Não te quero menos, não entenda errado - são os ares que me levam. Preste atenção, querido, que eles já vêm. Se fico aqui, morro de saudades de tudo o que poderia ter sido. Eu parto porque você já faz parte de mim, e eu não caibo mais aqui com todo o amor que recebi. Não chore e não me espere. Levo, comigo, você, meu bem, a vida está lá fora.

## Síndrome do tempo passado /

Todos sabem bem a rapidez do tempo. Basta mirar-se no espelho e piscar os olhos uma vez para ver, no seu reflexo, as rugas de amanhã. O tempo nos passa em uma corrida perdida. É como a pergunta que a canção faz: “quando o vento passar, quem ficará?”. Ao mesmo tempo, dedico medo e admiração, pois o passar dos anos destrói o que constrói, com paciência e sem piedade.

O tempo machuca. O tempo cura. Como lidar com esse paradoxo? Como esquecê-lo de todo, se são as contradições do tempo que nos fazem?

Ao fim, acho que só os mais velhos possuem o tempo do tempo deles.

## Síndrome da mortalidade /

Não elogie meu corpo. Cante minha alma para que ela nunca se acabe.

Tudo se encerra, sem surpresas e com dúvidas: como algo que é tão certo pode causar tanto medo? Como não se acostumar com a única verdade que nos é imposta desde o momento em que nascemos?

Eu sou finita. Essa é a verdade. O resto é filosofia.

Mas, antes do fim, dancemos, que meu corpo canta minha vida. E esse é o elogio derradeiro da alma que parte.

## Síndrome do Abandono /

Tornei-me vítima do seu esquecimento. Nossas memórias se evaporam e você fez novas escolhas, mas outras vidas não me atraem tanto quanto você. Eu sinto que nossos corpos desejam outras tantas transas juntos.

Você nunca me será estranho. Alivie-me da sua falta.

Não se preocupe, pode deixar a porta batendo e o mundo se acabando.

Volte.

Ou cale essa boca que me machuca.

Ou cale esse corpo que já não me ama mais.



## Síndrome da pequenez /

Hoje, li Neruda. Poemas que me deixaram encantada e pequena, como um pássaro que suspira por céus aos quais nunca voará. “No solo es seda lo que escribo: que el verso mío sea vivo”. É essa vida que quero, de mares, ares e jardins que se espalham em meus versos. Mas como ousar querer diante de tantos que já fizeram? Diante das estátuas dos grandes que me desprezam com olhos frios? Pablo, você é grande – inútil dizê-lo. Sua poesia me sacia e me desafia. Durante um mísero segundo, ousei sonhar com meus próprios escritos quando olhei pelas janelas de Valparaíso. Durante um mísero segundo, compartilhei sua inspiração. Ousei tanto? “Perdidas palabras locas”. Comparar é diminuir. Mais vale escrever.

## Síndrome do mundo perdido /

O que eu faço com o mundo? Eu não planto flores, não abraço causas, não entendo de política. Mas o mundo está perdido, irrevogavelmente. Há quem veja, pelas grades de fumaça, esperanças cósmicas de estrelas que habitaremos – se as projeções estiverem corretas, se os números baterem. Eu não vejo nada. Os otimistas, os que se movem, acreditam em preservação, reconstrução, tempos que ainda dão. Há algo mais além de músicas de redenção? Eu não acredito em nada.

Estou perdida. O que o mundo fez comigo?

## Síndrome do Egoentrismo /

A mim, a paz dos caminhos pouco trilhados, onde o tempo lagarteia. A mim, o silêncio das nuvens. A mim, o desvario e suas asas. A mim, os castigos premeditados por erros que não podiam deixar de ser cometidos. A mim, as pálpebras adormecidas, as palavras que pouco importaram e as dores que viraram rancores. A mim, a monotonia das paredes amarelas. A mim, o resto, o sentimento,  
os ecos,  
os ecos,  
os ecos.

## Síndrome da liberdade /

O que alimenta minha ilusão de liberdade? Qual quê me faz  
achar que posso pegar meus sonhos com as mãos?

Não importa.

Há sempre muros que me cercam. Muros finitos, que me  
deixam entrever, brevemente, tudo o que não posso ser. Tudo  
o que está do outro lado canta e eu, aqui, torno-me  
consciente, amedrontada da minha miséria.

É preciso ter sangue frio pra gritar foda-se. Eu sou liberdade.

## Síndrome da alma /

Eu estou parado, mas minhas veias pulsam e se conectam e se movem. Eu estou deitado, mas meus pés correm em disparada pelo mar que me lava dos dias vividos. Eu estou só, mas meus braços se arrepiam dos afagos que ficaram comigo. Eu estou no escuro, mas eu vejo meu próximo amor, a mão dada, o sorriso de flor. Eu estou morto, mas meu coração bate como relógio que volta no tempo que se desfaz no peito que bate em movimento que reinicia o ponteiro que me traz ao nascimento.

## Síndrome dos erros /

Foram tantos nossos erros que esquecemos de acertar os sentimentos. Afinar, confluir. Demos um jeitinho que segurou as pontas, mas não resolveu o problema maior: faltou amor.

Erramos. Somos humanos. Somos eu e você – agora sós – abertos a outras tentativas com novas pessoas, novos dias. Provavelmente, atiraremos algumas pedras.

Erraremos. Desceremos ladeira abaixo só para subirmos novamente, arrependidos, repletos de aprendizados e sonhos mais bem planejados.

Seremos. Sós, com todos os outros que também já erraram nesse mar de lágrimas.

## Síndrome da repetição /

"Mentalidade tacanha e intolerância. Teorias infundadas, palavras vazias, ideais usurpados, sistemas inflexíveis. Estas são as coisas que eu realmente temo e odeio". Murakami. Bem poderia ser uma frase de K. Dick, Orwell ou Atwood, em mundos distópicos criados no século passado. Mas não, esse medo pertence ao novo tempo.

Estamos vivendo em uma realidade alternativa ou simples repetição da história?

O que quer que seja, é difícil abrir os olhos e calar as opiniões fajutas antes de refletir.

Estamos vivendo a realidade ou um pesadelo?

O que quer que seja, é difícil acordar.

Estamos vivendo?

Que seja resistência.

## Síndrome do paradoxo /

Seu caos não cabe na minha vida. Mas ela não faz sentido sem você. Construimos um clichê, um final de filme que não surpreende ninguém, uma porcaria qualquer.

Seu caos é meu drama. Sua costela me cria em sonho, seu toque me desfaz em chama. Eu temo as famigeradas asas da borboleta, mas a verdade é que sua paz não me encanta.

Destrua-me enquanto é tempo de amor.



## Síndrome da passividade /

Eu sou como folha seca que cai, sem mais, nem menos. Livre de escolhas, livre de si. Quem sou eu ao sabor do vento? Incapaz de dar meia volta. Já escrita por estrelas, luas, planetas e pedras. Quem sou eu ao sabor do tempo? Ignoro – nada me desperta. Não me agrida, que não vou reagir. Não me diga, que não vou fazer. Não me oprima, que não vou resistir.

## Síndrome do tempo futuro /

Nossos dias nascem contados. Tique taque. Passe-me as horas, por favor. E um pouco mais de tempo, que a vida anda sem gosto. A contagem é regressiva e eu não aguento a pressão de viver sempre o último minuto antes de atravessar a rua.

Durmo sonhando com tudo o que poderia estar fazendo, mas, mesmo assim, não é possível ganhar tempo.

Por favor, você poderia me dizer a que horas a bomba explode?

## Síndrome de bentinho /

Você me matou. Uma morte ruim, que se prolongou na vida que ficou depois de você. Adoeci de interrogações. Minhas perguntas nunca se satisfizeram com suas respostas evasivas, seus beijos rápidos de canto de boca antes de sair. Eu queria te sacudir, e ver cair a confirmação das minhas suspeitas - apenas para estar certa. Nunca fiz isso. Desvivo, louca e só, sem luz no fim do túnel. Você me matou de dúvidas. Eu morri de ciúmes.

## Síndrome derradeira /

Despeço-me dos meus demônios como quem se corta com  
faca – devagar e silenciosamente, percebo que chorar em  
plena luz do dia é melhor que morrer no escuro.

Estamos todos loucos e nossas lágrimas são gêmeas,  
abraçadas pelas síndromes da nova era, que nos bate na cara.  
Dê-se a tapa, dê a bofetada, e aguarde o som seco do choque.  
Vida que segue, mas diferente.

Thainá Carvalho é uma escritora segipana de 29 anos que se escreve em contos e poesias. É criadora da Revista Desvario, publicação digital sem fins lucrativos voltada à difusão da literatura e da arte contemporâneas criadas por mulheres, e faz parte do coletivo URBANAs. Sonha com suas palavras escritas em todos os muros do mundo.